

# A MESCLAGEM METAFÓRICA DE FAUCONNIER & TURNER E AS TEORIAS DE KARL BÜHLER E WILHELM STÄHLIN: ANTECIPAÇÕES E COMPLEMENTOS

Ulrike SCHRÖDER

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

## RESUMO

*O trabalho pretende ilustrar até que ponto se podem observar paralelos entre a teoria da mesclagem metafórica sugerida por Fauconnier & Turner (2003, 2008) e as teorias interacionistas da fusão de esferas constituindo a metáfora, propostas pelos representantes da Escola de Würzburg Wilhelm Stählin (1913) e Karl Bühler (1934/1984) durante a primeira metade do século vinte.*

## ABSTRACT

*This paper intends to illustrate to what extent we can observe parallels between the theory of metaphorical blending proposed by Fauconnier & Turner (2003, 2008) and the interaction theories of sphere fusion constituting metaphor, as proposed by the representatives of the School of Würzburg Wilhelm Stählin (1913) and Karl Bühler (1934/1984) during the first half of the twentieth century.*

## PALAVRAS-CHAVE

*Cognição. Fusão. Metáfora. Teoria da Mesclagem.*

## KEY-WORDS

*Blending Theory. Cognition. Fusion. Metaphor.*

## Introdução

Geralmente, o abandono da conceitualização impressionista da metáfora é associado ao ano da publicação da obra-chave da teoria cognitiva da metáfora, *Metaphors We live By* (Lakoff & Johnson 1980). Essa nova teoria constitui a perspectiva holística em oposição à linha gerativista dentro da Linguística Cognitiva e introduz o assim chamado *cognitive turn* em relação aos estudos sobre metáforas em geral. Não obstante, a rigor, esta teoria não representa uma ruptura tão abrupta com o paradigma tradicional, como sugerido em muitas abordagens a respeito. Pelo contrário, boa parte das idéias básicas já se encontra em uma série de estudos das áreas filosófica, psicológica e linguística, embora não sejam consideradas pela teoria conceptual da metáfora<sup>1</sup>. Sendo assim, boa parte das raízes do realismo corporificado ligado ao estudo da metáfora, como se vê nas filosofia e linguística alemãs do início do século vinte, é pouco conhecida, especialmente no continente americano, pelo fato não pouco significativo de que pesquisadores como Paul Wegener, Hermann Paul, Fritz Mauthner, Karl Bühler e Wilhelm Stählin foram esquecidos pela ruptura causada pela Segunda Guerra Mundial. Porém, no cenário das primeiras três décadas do século passado, surge um crescente interesse pela metáfora como fenômeno cognitivo influenciado pelo clima de vertentes distintas, tais como (1) a do neokantianismo, que culmina no ensaio *Philosophie der symbolischen Formen* de Ernst Cassirer (1923/1977), um dos mais importantes proponentes da teoria cognitiva da metáfora no campo da filosofia, (2) a da crítica da linguagem, representada pelas abordagens de Fritz Mauthner, e, mais tarde, de Ludwig Wittgenstein, (3) a da linguística alemã do século dezenove pré-estruturalista, que se caracteriza pelo grande interesse em aspectos

---

<sup>1</sup> Distinguímos aqui os termos ‘teoria cognitiva da metáfora’, que inclui todas as abordagens pertencentes ao paradigma holístico da Linguística Cognitiva, e ‘teoria conceptual da metáfora’, que se refere exclusivamente à teoria de Lakoff & Johnson. Sobre antecipações da teoria cognitiva da metáfora desde Vico ver, entre outros, Hülzer-Vogt (1989), Baldauf (1997), Jäkel (2003) e Schröder (2004).

diacrônicos, buscando superar o positivismo linguístico através de um idealismo linguístico influenciado por Humboldt e, finalmente, (4) a da Psicologia da Gestalt, particularmente de Christian von Ehrenfels, que exerce um papel importante na Escola de Würzburg, à qual Karl Bühler e Wilhelm Stählin pertencem.

No âmbito dos estudos linguísticos, pode-se observar o desenvolvimento de duas linhas principais que antecipam as suposições básicas da teoria cognitiva da metáfora: o neohumboldtiano Jost von Trier (1931/1973) se torna fundador do termo campo semântico e, em seguida, Harald Weinrich (1976), recorrendo a Trier, estabelece sua teoria da metáfora com base nos dois termos ‘campo de imagem doador’ e ‘campo de imagem recebedor’, que podem ser facilmente ligados aos termos ‘domínio fonte’ e ‘domínio alvo’ de Lakoff & Johnson, e Karl Bühler e Wilhelm Stählin se tornam praticamente precursores da teoria da mesclagem metafórica, por fundarem uma teoria interacionista na qual os dois domínios a serem mesclados interagem de modo recíproco e não unidirecional. A seguir, tenciona-se ilustrar os paralelos entre as teorias estabelecidas por Bühler e Stählin, por um lado, e a de Fauconnier & Turner, por outro lado. Procurar-se-á investigar até que ponto a teoria da mesclagem metafórica foi antecipada, em que aspectos as duas abordagens se distinguem e, finalmente, será aberta a questão se as teorias de Bühler e Stählin, formuladas há aproximadamente um século, poderiam contribuir com questões relevantes para a discussão atual sobre a metáfora.

## **1. A metáfora na teoria da mesclagem de Fauconnier & Turner**

Para Fauconnier & Turner (2003), metáforas representam um subcaso da mesclagem, ao qual eles se dedicam cada vez mais. O ponto de partida da sua teoria é a suposição de que mapeamentos entre espaços mentais

representam o núcleo da habilidade cognitiva humana da produção, da transposição e do processamento de significado. Nesse processo, espaços mentais formam estruturas parciais e temporariamente representadas, criadas por indivíduos falando ou refletindo sobre situações percebidas ou imaginadas no passado, presente ou futuro. Aí, a linguagem visível é vista apenas como o “pico do iceberg”<sup>2</sup> (Fauconnier 1999: 1) da construção invisível, que permanece mentalmente presente enquanto estamos pensando e falando. O fenômeno-chave responsável pelo fato de que não apenas reproduzimos os mundos simbólicos já existentes, mas ao contrário, também produzimos novidades, é a mesclagem: “Ela [a mesclagem] consiste em integrar estruturas parciais de dois domínios separados em uma única estrutura com propriedades emergentes dentro de um terceiro domínio”<sup>3</sup> (Fauconnier 1999: 22). Portanto, ‘espaços mentais’ não são equivalentes aos ‘domínios’ de Lakoff & Johnson, mas dependem deles: espaços mentais representam cenários particulares estruturados por domínios convencionalmente dados (cf. Grady, Oakley & Soulson 1999). O ponto crucial é que, na teoria da mesclagem, ao contrário de Lakoff & Johnson, os dois espaços input trazem sua própria estrutura ao espaço em que se dá a mescla, o que rompe com a tese da unidirecionalidade de Lakoff & Johnson (cf. Lakoff 1995, Jäkel 2003).

No seu livro *Mappings in Thought and Language*, Fauconnier (1999) observa explicitamente pela primeira vez o fenômeno da metáfora como subcaso da mesclagem, dirigindo sua atenção à dissonância entre os dois espaços input. Partindo do exemplo *cavar seu próprio túmulo*, Fauconnier mostra como inferências do domínio fonte são violadas na mesclagem, a despeito da tese da invariância estabelecida por Lakoff (1995): a estrutura causal é invertida por ações tolas que causam falhas, embora cavar um túmulo não cause morte. A estrutura intencional também não coincide, pois ninguém cava um túmulo inconscientemente.

---

<sup>2</sup> “tip of the iceberg”.

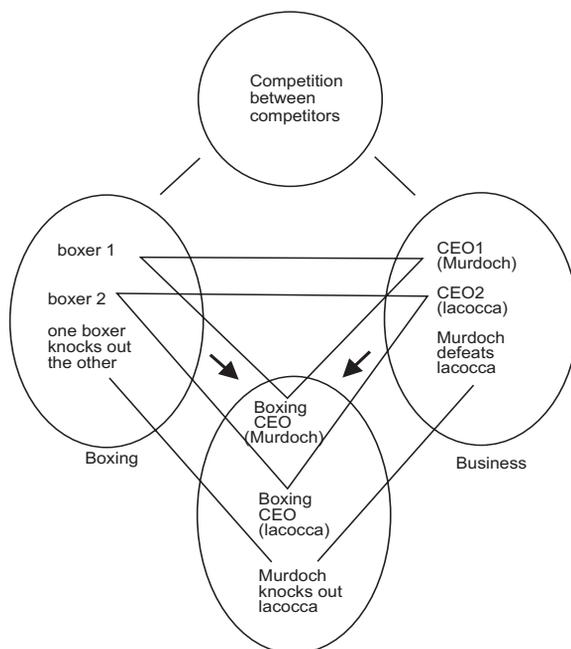
<sup>3</sup> “it [blending] consists in integrating partial structures from two separate domains into a single structure with emergent properties within a third domain”.

A estrutura do frame de agentes, pacientes e sequência não é preservada. Sabemos que o paciente morre e o agente cava o túmulo. No entanto, na metáfora, os papéis do agente e do paciente se mesclam e a ordem de eventos é invertida. Como consequência, a mesclagem cria uma estrutura emergente, por herdar de um domínio a estrutura concreta de túmulos, cavar e enterro, e por herdar do outro domínio as estruturas causal, intencional e do evento interno. É este o fenômeno que os autores denominam ‘compressões’, que surge logo que topologias de espaços distintos se chocam, contribuindo para o surgimento de algo novo, pois a partir de processos de compressão e descompressão, na mesclagem, são criadas situações contrafactuais nas relações temporais, espaciais ou de identidade. Sendo assim, por exemplo, o cenário de dois homens boxeando apresenta um frame para comprimir nosso entendimento sobre dois chefes de empresas distintas em competição (Fauconnier & Turner 2003: 126-131). Temos aqui um mapeamento entre os espaços input boxe e negócios, no qual a topologia do frame é organizada basicamente pela topologia do espaço input boxe:<sup>4</sup> Os dois boxeadores são mapeados aos dois chefes, um soco no estômago, a um esforço de um dos chefes e continuar no ringue a continuar na competição. De acordo com isto, temos um input 1 boxear (boxeador 1, boxeador 2, um boxeador nocauteia o outro), um input 2 negócios (chefe 1, chefe 2, um chefe vence o outro), o espaço genérico (competição entre competidores) e a mesclagem chefes boxeando (chefe 1 boxeando, chefe 2 boxeando, um chefe nocauteia o outro).

---

<sup>4</sup> Por isso, os autores dão a esse caso de mesclagem também o nome de “single-scope network” (Fauconnier & Turner 2003, 126-131).

FIGURA 1 (Fauconnier & Turner 2003: 128)



A compressão ocorre nos níveis temporal, local e dos agentes envolvidos: na mesclagem, temos duas pessoas que são boxeadores e estão no ringue, por exemplo, por meia hora, ao contrário dos chefes das empresas, que estão em competição por um período de tempo bem maior, de forma que suas ações relevantes também ocorrem durante um período bem mais longo, envolvendo mais do que apenas dois agentes e acontecendo em locais diferentes. Para Fauconnier & Turner, uma tal rede de integração de um domínio (single-scope network), ao contrário daquela do espelho (mirror network) e daquela de domínios-duplos (double-scope network), tem dois espaços-input com 'frames' organizados de forma diferente. Um deles é projetado organizando a mesclagem e, desse modo, estendendo o 'frame' original. Dessa maneira, essas redes de integração são assimétricas. Casos típicos são os das metáforas com fontes e alvos.

Atualmente, Fouconnier & Turner (2008) apresentam uma terminologia modificada e falam não apenas de dois espaços input, mas sim de uma rede de integração que indica uma estrutura mais rica do que as meclagens aos pares, mais idealizadas e que ainda se encontram em suas primeiras abordagens:

Produtos conceptuais nunca representam o resultado de um único mapeamento. O que nós denominamos metáforas conceptuais, como TEMPO É DINHEIRO ou TEMPO É ESPAÇO, são na realidade construções mentais envolvendo muitos espaços e muitos mapeamentos em redes de integração elaboradas, construídas através de princípios gerais distintos. Essas redes de integração são muito mais ricas do que os feixes de ligações aos pares, tratados em teorias recentes da metáfora. (Fauconnier & Turner 2008: 53)<sup>5</sup>

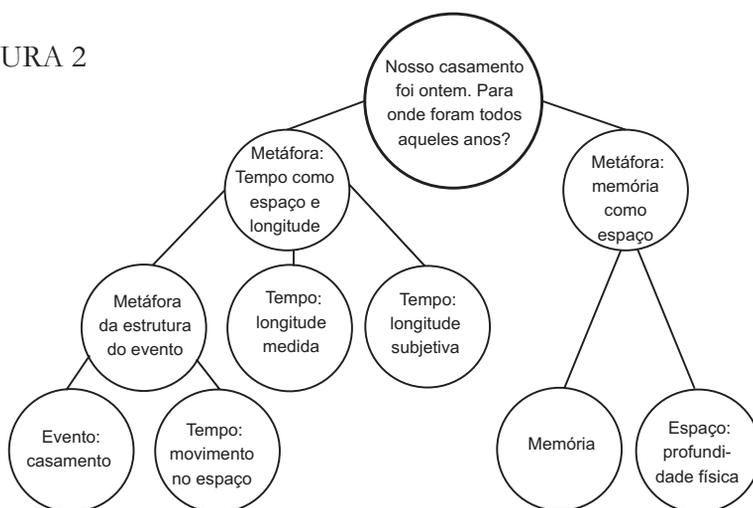
Por conseguinte, tais redes de integração são criadas a partir de vários espaços input e constituídas tanto por estruturas convencionais como através de inovações; trata-se de um processo dinâmico denominado ‘cobbling & sculpting’ pelos autores. Isto é, por um lado, culturas constróem redes no decorrer do tempo, transmitidas através das diferentes gerações. Por outro lado, pessoas são capazes de criar algo novo em qualquer contexto particular. Por isso, encontramos partes convencionais em redes de integração, mas também mapeamentos novos e compressões. Sendo assim, Fauconnier & Turner (2008) apresentam mesclagens múltiplas, nas quais se observa uma fusão de vários espaços input, muitas vezes baseada em mesclagens já existentes, que agora

---

<sup>5</sup> “Conceptual products are never the result of a single mapping. What we have come to call conceptual metaphors like TIME IS MONEY or TIME IS SPACE, turn out to be mental constructions involving many spaces and many mappings in elaborate integration networks constructed by means of overarching general principles. These integration networks are far richer than the bundles of pairwise bindings considered in recent theories of metaphor”.

servem como um novo espaço input. É principalmente através desta forma que se abrem possibilidades para inúmeras novas mesclagens. A frase “Nosso casamento foi ontem. Para onde foram todos aqueles anos?” fornece um exemplo desse fenômeno. Num primeiro nível, temos uma mesclagem entre input 1 eventos (casamento) e input 2 tempo (movimento experimentado através de espaço físico), que resulta no espaço mescla metáfora da estrutura do evento (nós passamos por um casamento como passamos por um parque, um tal evento pode ser rápido para uma pessoa e lento para outra), formando o novo input 1 que, juntamente com o input 2, longitude do tempo objetivamente medida (“todos aqueles anos”), que se choca com o input 3, experiência subjetiva (“ontem”). Por fim, este novo espaço mesclado forma o input 1 ao qual se acrescenta um input 2, formando, por sua vez, um espaço mesclado como resultado da fusão entre memória e espaço físico, de modo que o resultado final consiste em vários espaços input de níveis diferentes.

FIGURA 2



Resumidamente, ao passo que a teoria conceptual da metáfora identifica prioritariamente padrões regulares e convencionais de metáforas e trata, desse modo, de estruturas de conhecimento estáveis e representadas na memória de longo prazo, a teoria das redes de integração dirige-se explicitamente a exemplos novos e únicos, buscando modelar a evolução dinâmica das representações on-line de locutores em situações concretas.

## 2. A metáfora na teoria da fusão e mesclagem de esferas nas teorias de Stählin e Bühler

### 2.1. Wilhelm Stählin

Para o psicólogo alemão Wilhelm Stählin, que teve os estudos teológicos como ponto de partida, o interesse pela metáfora nasceu junto com um interesse pela linguagem de imagens religiosas. Em 1909, ele começa a frequentar as disciplinas dadas por Karl Bühler na Universidade de Würzburg e, mais tarde, é Bühler quem recorre a Stählin em sua *Sprachtheorie*, publicado em 1934. Enfim, em 1913, Stählin termina sua tese de doutorado sobre o tema *Zur Psychologie und Statistik der Metaphern* (Sobre a Psicologia e Estatística das Metáforas), na qual a questão central a ser abordada é “O que se passa em nós quando entendemos metáforas ouvidas ou lidas?”<sup>6</sup> (Stählin 1913: 11). Ele constrói sua teoria fundamentando-se em experimentos psicológicos, nos quais os sujeitos eram instruídos a descrever como eles conseguiam entender expressões como, por exemplo, *der greise Wald*.<sup>7</sup> Os sujeitos declararam que, pelo adjetivo, eles se lembraram da casca velha de uma árvore ou de líquens desordenados e pendentes, o que levou Stählin a concluir que

<sup>6</sup> „Was geht in uns vor, wenn wir gehörte oder gelesene Metaphern verstehen?“

<sup>7</sup> “*der greise Wald*” significa a floresta velha, só que o adjetivo “*greis*” (velho), ao invés do adjetivo *alt* (velho), em alemão, é submetido à restrição que exige se tratar de um ser humano [+humano].

características típicas de pessoas velhas, como pele enrugada e cabelos despenteados, eram projetadas a certas partes de uma árvore, criando um conjunto de duas esferas distintas de significado. Note-se que o ponto de partida de Stählin são análises de experiências subjetivas, o que já indica que o locus primário da metáfora se encontra na cognição, e não na linguagem. Ele deduz então que o processo metafórico consiste na troca de um ‘objeto da fala’ (‘Stoffgebiet’), ligado convencionalmente a uma ‘combinação de palavras’ (‘Wortkombination’) contra outro. Trata-se de um processo inovador e criativo:

O objeto do qual se fala é equipado com traços novos, colocado em uma conexão rica de relações e, por conseguinte, é visto sob uma nova luz, e é revestido por valores de ambiente e de emoções particulares; resumindo, é representado na consciência de forma mais precisa e mais rica. (Stählin 1913: 47).<sup>8</sup>

Já se percebe, nesse trecho, a focalização do processo cognitivo, que Stählin considera crucial para o procedimento de troca entre esferas, no qual o mapeamento em si não acontece no nível da linguagem. Sendo assim, para Stählin, a metáfora não é concebida como fenômeno da linguagem, mas sim, como fenômeno cognitivo. O conceito de ‘esfera’, que mostra uma nítida correspondência com o termo ‘espaço mental’, é decisivo para o desenvolvimento da teoria: na gênese do produto ‘metáfora’, duas esferas se mesclam e penetram uma na outra, a saber, o ‘objeto’ (‘Sache’) e a ‘imagem’ (‘Bild’), de modo que as duas esferas contribuem para a mesclagem:

---

<sup>8</sup> „Die Sache, von der die Rede ist, wird mit neuen Merkmalen ausgestattet, in einen beziehungsreichen Zusammenhang hineingestellt und dadurch in eine neue Beleuchtung gerückt, und sie wird mit eigentümlichen Stimmungs- und Gefühlswerten bekleidet; kurz, sie wird in einer genaueren und reicheren Weise im Bewusstsein vergegenwärtigt“

resumindo: eu não apenas puxo a imagem para dentro da esfera do objeto, mas puxo também o objeto para dentro da esfera da imagem. Há um intercâmbio das características, uma união das duas esferas, uma fusão. (Stählin 1913: 324)<sup>9</sup>

Stählin (1913: 53-54) destaca que essa fusão não se baseia na natureza ou essência dos objetos em questão, mas é antes evocada por uma familiaridade constituída por valores emocionais compartilhados pelos falantes de uma comunidade de fala específica, um aspecto semelhante ao ‘espaço genérico’, nos termos de Fauconnier & Turner. Isso implica que as analogias construídas são influenciadas cultural e convencionalmente. Com essa diferenciação de duas esferas que interagem resultando em uma fusão que constitui a metáfora, Stählin estabelece as condições fundamentais para o desenvolvimento da teoria interacionista da metáfora, como se reflete na teoria focus-frame suposta por Black (1962/1993), que também sustenta que a metáfora está ligada a convenções de conotação, de modo que o sentido evocado pela metáfora se baseia em um “system of associated commonplaces” (Black 1962/1993: 23). Convém lembrar que muitas abordagens investigando o nascimento da teoria cognitiva da metáfora chegam à conclusão de que a obra *The Philosophy of Rhetoric* (1936) de Ivor A. Richards, na qual Black se baseia, pode ser vista como o primeiro passo em direção a uma mudança cognitiva no tratamento das metáforas. Segundo Richards, a função de uma metáfora surge pela ação recíproca de idéias incongruentes que se manifestam em uma expressão específica:

---

<sup>9</sup> „kurzum: ich ziehe nicht nur das Bild in die Sphäre des Sachgegenstandes, sondern auch die Sache in die Sphäre des Bildes hinein. Es findet ein Austausch der Merkmale, eine Vereinigung der beiderseitigen Sphären, eine Verschmelzung von Bild und Sache statt“.

Quando usamos uma metáfora, temos dois pensamentos de objetos distintos conjuntamente ativos e respaldados por uma palavra singular ou um sintagma, cujo significado é o resultado da interação entre elas. (1936: 93)<sup>10</sup>

De fato, como Mooij destaca, é o próprio Stählin quem, retrospectivamente, pode ser visto como pioneiro desse paradigma interacionista:

O trabalho de Stählin [...] parece ter sido esquecido, embora contenha o primeiro enunciado elaborado com relação à perspectiva interacionista. (Mooij 1976: 73)<sup>11</sup>

Voltando à questão inicial e central da obra, Stählin começa, a partir desse ponto, a dirigir sua atenção ao ouvinte e ao processo do entendimento dentro da comunicação, recorrendo a Bühler (1909), que diferencia três graus da ‘vivência do significado’ (‘Bedeutungserlebnis’): (1) a ‘impressão do conhecido’ (‘Bekanntheitseindruck’), que se refere apenas ao fato de o interlocutor já ter ouvido a palavra pelo menos uma vez; (2) o ‘estado da consciência do entendimento’ (‘Bewusstseinslage des Verstehens’), que se refere ao fato de o ouvinte saber o que o falante quer dizer enquanto os processos mentais continuam indefinidos e (3) o ‘tornar presente’ (‘Vergegenwärtigung’), que se refere à concretização do objeto com relação a suas características ou a um mapeamento desse objeto para outras esferas. A ‘apresentação’ corresponde a uma conscientização do significado (Bühler 1909: 109). Ora, o ponto crucial é que a coordenação entre as vivências do significado do locutor e do

---

<sup>10</sup> „When we use a metaphor we have two thoughts of different things active together and supported by a single word, or phrase, whose meaning is a resultant of their interaction.“

<sup>11</sup> „Stählin’s work [...] seems to be largely forgotten but contains nonetheless the first elaborate statement of the interaction view.“

interlocutor depende da situação comunicativa, o que cria um paralelo em relação ao termo construal estabelecido por Langacker (1987):<sup>12</sup>

A frase me permite aproximar-me do objeto, partindo de um ponto local definido, de forma que determina de antemão quais são as características desse objeto que vou considerar; imediatamente sinto a palavra como pertencente àquela esfera, à qual a frase me introduziu. (Stählin 1913: 23)<sup>13</sup>

Então, no processo do entendimento, a metáfora encontra-se em uma relação de tensão entre a expressão e o contexto,<sup>14</sup> o que indica que o interlocutor tem que desenvolver uma vivência nova do significado, partindo de um estado de consciência do significado duplo, criando de forma ativa uma mesclagem entre palavra e imagem, para que a tensão entre as esferas diminua. Caso ele consiga esse equilíbrio entre as esferas, ele entra em um novo estado de consciência, a saber, a da compreensão metafórica (Stählin 1913: 28). Como essa fusão é gerada? Como sugere Stählin (1913: 41), certas características, certos elementos e certos momentos emocionais são abstraídos das duas esferas e mapeados um

---

<sup>12</sup> Uma definição concisa desse termo é dado por Evans & Green (2006, 536): “Construal pode ser concebido como o modo como falantes escolhem organizar e apresentar a representação conceptual, o que, por sua vez, tem consequências para a representação conceptual que uma enunciação evoca na mente do ouvinte.” (“Construal can be thought of as the way a speaker chooses to package and present a conceptual representation, which in turn has consequences for the conceptual representation that the utterance evokes in the mind of the hearer.”)

<sup>13</sup> „Der Satz lässt mich an den Gegenstand von einer bestimmten Stelle herantreten und bestimmt dadurch von vornherein, welche Merkmale desselben ich mir vergegenwärtige; ich nehme unwillkürlich das Wort als zu der Sphäre zugehörig, in die mich der Satz hineingeführt hat.“

<sup>14</sup> Essa consideração do contexto também se vê na abordagem de Harald Weinrich (1976, 319). Para ele, a semântica da palavra tem que ser transformada em uma semântica do texto, pois apenas a junção da palavra e do contexto criam a metáfora. Quanto mais original for uma metáfora, tanto maior é o efeito de surpresa e de tensão entre o significado original e o novo significado nascido no contexto textual, ou seja, o significado gerado pelo contexto, muitas vezes, está fora do campo semântico original. Por isso, Weinrich chama esse processo “co-determinação”, porque a determinação do contexto dirige-se contra a expectativa da determinação da palavra.

ao outro, o que lembra o ‘espaço genérico’ de Fauconnier & Turner. Não obstante, como já foi esboçado acima, o interlocutor não faz nenhuma ‘comparação’ conscientemente, nem chega ao entendimento de maneira sucessiva,<sup>15</sup> mas sim, por meio de uma vivência chamada ‘Aha-Erlebnis’ por Bühler (1909: 117), que podemos traduzir como insight, isto é, via uma construção analógica que corresponde a um processo de inferência abduativa:

A metáfora dá o sentimento, ao invés de falar sobre o assunto [...] ela não descreve, mas permite vivenciar. (Stählin 1913: 51)<sup>16</sup>

Hülzer-Vogt (1989: 28) resume as condições básicas necessárias e formuladas por Stählin para garantir o entendimento da metáfora dentro do processo da comunicação:

1. as esferas que se enfrentam têm que ser combináveis/ passíveis de combinação (compreensão);
2. a metáfora tem que se harmonizar com uma impressão possivelmente já existente de um objeto (compreensão);
3. o tertium comparationis tem que ter a força de poder ser sentido como justo e adequado (compreensão e aceitação);
4. a concisão da metáfora e a brevidade da presença da imagem deveriam estar em equilíbrio, de modo a tornar possível o processo de entendimento (aceitação).

---

<sup>15</sup> Com isso, Stählin está em oposição à abordagem pragmática da metáfora, tal como foi estabelecida por Searle (1995).

<sup>16</sup> „Die Metapher gibt das Gefühl, statt darüber zu reden [...] Sie beschreibt nicht, sondern läßt erleben.“

Nota-se que, sob esta ótica, Stählin consegue integrar dois aspectos que podem ser considerados decisivos para abordar a metáfora, não apenas em relação ao locutor, mas também em relação ao processo comunicativo como um todo: a função epistêmica da metáfora (= compreensão) que, porém, é submetida à aceitação do respectivo interlocutor, que pode considerar uma metáfora como uma mesclagem inovativa ou convencional, ou que simplesmente nem a percebe.

## 2.2 Karl Bühler

Como representante da Escola de Würzburg, o psicólogo e linguista Karl Bühler defende uma visão holística da psicologia, desenvolvendo uma fenomenologia do pensar que se opõe ao atomismo da Psicologia da Associação, por estabelecer um interesse crescente nos próprios processos mentais. Sendo assim, Bühler aborda questões que são fortemente interligadas àquelas da Psicologia da Gestalt o que, entre outros, é comprovado por sua segunda publicação, *Die Gestaltwahrnehmungen. Experimentelle Untersuchungen zur psychologischen und ästhetischen Analyse der Raum- und Zeitanschauung* (As Percepções Gestálticas. Pesquisas Experimentais sobre a Análise Psicológica e Estética das Visões Espacial e Temporal), de 1913. Recorrendo a Husserl e Kant, em sua obra-chave *Sprachtheorie* (Teoria da Linguagem), Bühler (1934/1984) estabelece uma teoria dos signos, na qual o ‘campo dêítico’ (‘Zeigfeld’) se opõe ao ‘campo simbólico’ (‘Symbolfeld’), exercendo um papel importante como ‘sistema-eu-aqui-agora’, de modo que a dêixis do contexto do indivíduo forma o ponto de partida para a criação de significado. Nisso já se reflete o enraizamento do processamento cognitivo e comunicativo em nosso corpo, de modo que se pode postular que esse ponto de partida escolhido por Bühler já antecipa o paradigma experiencialista do realismo corporificado, inaugurado pela Semântica Cognitiva. Desse modo, ele chega à conclusão de que as metáforas que

aplicamos no nível da linguagem encontram-se radicadas em nossa experiência corporal, uma idéia mais tarde explorada nos estudos sobre metáforas primárias segundo Grady (1997: 2005):

O sofrimento ‘amargo’, a felicidade ‘doce’ e a desistência ‘ácida’ não representam inovações livres de poetas, mas sim, fenômenos expressivos em feições humanas. [...] Aqui, a junção da versão da linguagem não é produtiva, mas apenas reflete o que já é percebido como uma coisa só em cada ver e compreender da expressão humana adulta. (Bühler 1934/1984: 346) <sup>17</sup>

Portanto, no seu capítulo *Die sprachliche Metapher* (A metáfora da linguagem) (1934/1984: 346-356), Bühler já localiza a metáfora no cotidiano, ao invés da versão aristotélica, na qual a metáfora é vista como uma anomalia poética e retórica empregada por poetas e filósofos. Os exemplos de Bühler vêm do uso da linguagem tal como se reflete nas metáforas sensoriais da citação acima ou em compostos como *Fingerhut*, *Handschuh* ou *Tischbein*,<sup>18</sup> chegando à conclusão de “que, em qualquer escala, cada composto da linguagem é metafórico e o metafórico não é um fenômeno especial”. Para Bühler, a metáfora é motivada pela natureza do homem e pela necessidade de exprimir o desconhecido por meio do conhecido (Bühler 1934/1984: 344). Com essas suposições, ele se aproxima de duas teses fundamentais da teoria cognitiva da metáfora, tal como formuladas por Olaf Jäkel (2003: 40-41): a ‘tese do modelo’, que sugere que as metáforas conceptuais formam modelos

---

<sup>17</sup> „Das ‘bittere’ Leid und das ‘süße’ Glück und der ‘sauere’ Verzicht sind keine freien Erfindungen der Dichter, sondern sichtbare Ausdrucksphänomene auf menschlichen Gesichtern. [...] Das Zusammenbringen der sprachlichen Fassung ist hier nicht produktiv, sondern gibt nur wieder, was in jedem Sehen und Verstehen des gewachsenen menschlichen Ausdrucks schon zusammen gesehen wird.“

<sup>18</sup> *Fingerhut* = dedal (mas o composto alemão é formado por *dedo* + *chapéu*), *Handschuh* = luva (mas o composto alemão é constituído por *mão* + *sapato*), *Tischbein* = perna da mesa.

cognitivos com estruturas da organização do conhecimento e a ‘tese da necessidade’, segundo a qual a metáfora tem três funções básicas: ela serve para a explicação, a compreensão e a exploração do mundo social e baseia-se em nossas experiências sensoriais e motoras (Jäkel 2003: 40-41). Por conseguinte, não é uma coincidência que um dos pontos de partida das análises de Bühler seja constituído por observações de como crianças começam a explorar seu mundo por meio de caracterizações fisionômicas, o que se pode perceber em descrições como a cadeira está em pé ou está caindo, tratando a cadeira como se fosse um agente vivo (Bühler 1933: 203).

Inspirado por Stählin, Bühler descreve o processo metafórico como uma fusão de esferas distintas, na qual conhecimentos linguísticos e não-linguísticos se mesclam, comparando este processo a uma projeção visual que passa por dois filtros que se cobrem parcial e reciprocamente. Todavia, ele não denomina as duas esferas ‘esfera do objeto’ e ‘esfera da imagem,’ segundo o modelo de Stählin, mas sim, as duas igualmente ‘esferas do significado’, uma terminologia tomada de empréstimo a Erdmann (1900/1925), que define ‘significado’ não como um elemento independente, mas sim como um complexo composto por elementos singulares. Sendo assim, na metáfora, duas esferas do significado sobrepõem-se e se mesclam (Bühler 1934/1984: 343). Nessa síntese, uma esfera passa para o outro lado e vice versa, o que é denominado “compor mesclando esferas”<sup>19</sup> (Bühler 1934/1984: 344). O processamento dessa mesclagem, que se observa na criação de uma metáfora, é descrito por analogia com os fundamentos fisiológicos da percepção visual, uma vez que esse processo corresponde ao trabalho do ‘olho duplo’, no qual o mesmo objeto é representado em duas retinas, embora seja percebido como uma só representação. Nessa união binocular, tudo aquilo que não pode ser adicionado ou assimilado é subtraído. De acordo com isto, a mesclagem das esferas refere-se a um princípio da abstração, pois de uma

<sup>19</sup> „sphärenmischendes Komponieren“

plenitude de objetos percebidos por um olho singular, a maioria é tirada e abstraída dessa corrente da percepção. Como todas as características não compatíveis são suprimidas no processo da mesclagem das esferas, de forma que são apenas as características selecionadas sob a premissa da analogia que constituem o significado, o ‘princípio da relevância abstrativa’ (‘Prinzip der abstraktiven Relevanz’) (Bühler 1934/1984) se aplica a essa operação.

Com a ajuda da comparação com uma projeção de eslaides, Bühler tenta ilustrar o que acontece exatamente durante esse processo da mesclagem: coloca-se uma fita de papel constituído por riscas alternadamente transparentes e opacas no lugar do diapositivo (= slide) dentro do aparelho de projeção. Então, uma segunda fita é colocada sobre a primeira, formando um ângulo reto e, quando se dirige a luz do projetor a uma tela, esta tela projeta apenas pontos de luz ao invés de um campo de luz, devido ao fato de que, por ter-se colocado uma fita em cima da outra de modo contrastivo, é gerado um retículo que destaca as coisas em comum. Isso significa que as estruturas de ambas as fitas se filtram em um processo recíproco, o que Bühler (1934/1984: 348) chama de ‘filtro duplo’ (‘Doppelfilter’): há regiões no retículo em que os dois vidros deixam passar a luz como no caso da metáfora, onde temos uma cobertura parcial no processo da mesclagem.

FIGURA 3 (Bühler 1934/1984: 348)



Transferindo esse fenômeno à metáfora, o efeito pode ser ilustrado por meio do composto *Hölzlekönig* (rei de pau), expressão usada na região da Floresta Negra no sudoeste da Alemanha: aqui, o interlocutor atribui algo régio a uma árvore.<sup>20</sup> Nisso, a esfera da árvore apenas cobre algumas características da esfera do rei, mas nem todas. Bühler denomina esse efeito ‘lei da cobertura’ (*‘Gesetz der Abeckung’*), recorrendo à Psicologia da Gestalt para estabelecer um termo complementar, o da ‘sub-somatividade’ (*‘Untersummativität’*), como contraparte do termo ‘supra-somatividade’ (*‘Übersummativität’*), estabelecido por Ehrenfels (1890). Para Bühler, os dois processos são interligados na criação da metáfora e contribuem de forma distinta para a produtividade da linguagem:

O efeito semântico de uma expressão metafórica consiste em fazer surgir uma qualidade que nem estava presente anteriormente no sistema da língua (*langue*), nem pode ser reduzida aos seus constituintes; e é justamente a este caráter emergente que remetem o excesso de sentido e a compreensão, inerentes à metáfora, e não a uma “atenção seletiva” qualquer, orientada negativamente. Como a metáfora – e qualquer outra palavra – representa ao mesmo tempo uma possibilidade de abstração, todas as outras qualidades não aplicáveis e não transferíveis – traços semânticos – são suprimidas durante esse processo, dos dois (ou mais) espaços semânticos que se interligam na metáfora. (Innis 1984: 141)<sup>21</sup>

<sup>20</sup> Bühler realça que também poderíamos pensar em uma pessoa à qual atribuímos uma floresta. Não obstante, o fato de escolhermos a primeira versão é relacionado ao contexto no qual nós ouvimos a palavra, de modo que este contexto exclui a segunda interpretação.

<sup>21</sup> „Die semantische Wirkung eines metaphorischen Ausdrucks besteht in einer zum Vorschein kommenden Qualität, die weder vorher bereits in dem Sprachsystem (*langue*) existierte noch auf seine Konstituenten reduzierbar ist, und gerade auf diesen zum Vorschein kommenden Charakter und nicht etwa irgendeine bloß negativ orientierte „selektive Aufmerksamkeit“ gehen der Sinnüberschuß und die Einsicht zurück, die der Metapher innewohnen. Da die Metapher –

Em outras palavras, quando as esferas se mesclam, um lucro de aspectos semânticos compensa a supressão de traços não relevantes das esferas singulares. Tirar e receber algo, segundo Hülzer-Vogt (1987: 73) representam as duas características decisivas do processo metafórico. Por conseguinte, já se pode observar um item elaborado na teoria de Bühler que é explicitado apenas mais tarde por Fauconnier & Turner: a ‘estrutura emergente’ que a mesclagem metafórica faz surgir.

Hülzer-Vogt (1987: 360) resumem os passos centrais da conceitualização da metáfora de Bühler da seguinte maneira:

1. duas esferas do significado são associadas uma à outra (formação);
2. as duas esferas filtram-se reciprocamente gerando um filtro duplo (formação);
3. as partes compatíveis são os traços selecionados pelo filtro duplo, de modo que não há uma cobertura total das esferas, mas sim, um efeito seletivo (formação);
4. partes divergentes das duas esferas são retiradas conforme a lei da cobertura (formação).

### **3. Conclusão: paralelos, divergências e perspectivas**

Tanto Stählin como Bühler desenvolvem sua teoria da metáfora por meio da suposição básica de que a metáfora tem que ser entendida concomitantemente como um fenômeno cognitivo e linguístico, e, mais importante ainda, ela não pode ser reduzida a um significante isolado relacionado a um só significado isolado, mas tem que ser entendida

---

wie jedes andere Wort auch – zur gleichen Zeit eine Möglichkeit der Abstraktion darstellt, fallen in diesem Prozeß alle nicht anwendbaren und nicht übertragbaren Qualitäten – semantische Merkmale – aus den zwei (oder mehr) semantischen Räumen, die in der Metapher miteinander verbunden werden, fort.“

como a interligação entre duas ‘esferas’, o que corresponde ao ponto de partida da teoria conceptual da metáfora proposta por Lakoff & Jonson, que falam de ‘domínios’ (fonte e alvo), e da teoria da mesclagem sugerida por Fauconnier & Turner, que aplicam os termos ‘espaços mentais’ ou ‘input’ a essas esferas. Porém, o foco de Stählin e Bühler reside no entendimento dessa ligação como uma interação, ao invés de um mapeamento unidirecional postulado por Lakoff & Johnson. Com isso, eles se encaixam mais na linha interacionista, semelhante à tendência que se vê na teoria da mesclagem de Fauconnier & Turner. Ademais, ambos consideram o processo da mesclagem, no qual analogias entre as esferas são abstraídas, como processo fundamental para o surgimento da metáfora. Sendo assim, as três vertentes – Stählin, Bühler e Fauconnier & Turner – são coincidentes em relação à suposição de que a metáfora não deveria ser investigada como fenômeno estático, mas sim como processo dinâmico, a saber, como interação na qual o significado é constituído por mesclar elementos de campos semânticos distintos, criando algo novo, uma conclusão que também coloca as três abordagens em oposição àquela de Lakoff & Johnson, que dirigem sua atenção mais a estruturas convencionais do que a estruturas inovadoras.

Convém salientar que a teoria de Fauconnier & Turner é mais atual, complexa e ilustrativa. Eles dão inúmeros exemplos para mostrar como as redes de integração mantêm espaços mentais ativos simultaneamente, acompanhados por uma visualização de processos cognitivos on-line. Nisso, a teoria é estendida constantemente, ou seja, ao passo que as teorias mais antigas de Stählin e Bühler se limitam ao estudo de modelos constituídos por duas esferas, Fauconnier & Turner desenvolvem modelos que absorvem cada vez mais espaços input. Não obstante, o que os autores excluem é a tentativa de colocar a teoria em um meio sócio-cultural e em um contexto situacional, o que emprestaria um alter ego ao indivíduo que assim não precisa mais construir suas redes de modo

solipsista. Nesse aspecto, enquanto Fauconnier & Turner continuam em uma perspectiva extracomunicativa,<sup>22</sup> um ponto frequentemente criticado (cf. Schröder 2008a, 2008b), Stählin e Bühler já consideram o processo comunicativo de modo mais profundo. Contudo, o que chama atenção é que as concepções de Bühler e Stählin remetem a papéis comunicativos diferentes, o que igualmente resulta em focalizações distintas:

Enquanto Stählin, prioritariamente, dedicou-se às condições da compreensão de metáforas (= fusão simétrica da esfera do objeto e a da imagem), Bühler direcionou sua atenção às condições do nascimento de metáforas (= seleção e cobertura). Todavia, é apenas a combinação de ambas as abordagens, desde que descrevam procedimentos complementares, que resultará em uma teoria completa da metáfora, podendo tomar seu lugar em uma teoria da comunicação superior. (Hülzer-Vogt 1989: 35)<sup>23</sup>

Resumindo, pode-se afirmar que o olhar lançado às teorias de Bühler e Stählin revelou mais uma vez que a teoria cognitiva da metáfora e, no caso específico abordado aqui, a teoria da mesclagem metafórica, não

---

<sup>22</sup> Esse termo foi tomado emprestado da diferença-chave entre a ‘perspectiva extracomunicativa’ e a ‘perspectiva comunicativa’ estabelecida pelo comunicólogo Gerold Ungeheuer (1972/2004, 22-35). Enquanto a perspectiva extracomunicativa se refere à linguagem como sistema, a perspectiva comunicativa busca analisar como indivíduos põem e manejam a língua em comunicação atual, o que significa para eles colocar uma enunciação em uma situação dada e como eles realizam o entendimento de um enunciado colocado pelo outro. Para Ungeheuer, que estabeleceu essa diferença principal nos anos sessenta, foi importante a exigência de uma Ciência da Comunicação que abordasse questões a partir de uma perspectiva comunicativa.

<sup>23</sup> „Stählin erarbeitete vorrangig die Bedingungen des Verstehens von Metaphern (= gleichmäßige Verschmelzung von Sach- und Bildsphäre), Bühler die Bedingungen des Entstehens von Metaphern (= Selektion und Abdeckung), wiewohl erst die Zusammenführung beider Ansätze, insofern sie einander ergänzende Verfahren beschreiben, eine abgerundete Metapherntheorie einschließt, die ihren Platz in einer übergeordneten Kommunikationstheorie einnehmen kann.“

representam mudanças paradigmáticas repentinas, como é sugerido por muitos autores. De fato, é possível constatar uma certa continuidade de idéias que já começam a nascer no pensamento de Giambattista Vico, John Locke ou Immanuel Kant, passando por um aprofundamento na linguística alemã do final do século dezenove e nas primeiras três décadas do século vinte, como se vê nas teorias de Wegener, Paul, Mauthner, Bühler e Stählin, todos relegados ao esquecimento durante muito tempo. Posteriormente, desenvolveu-se a teoria cognitiva da metáfora como uma linha independente de pesquisa dentro da Linguística Cognitiva a partir dos anos oitenta. Lembrar a continuidade pode ser útil não apenas para reconstituir interligações teóricas, mas também para resolver questões atuais, como é o caso da redescoberta atual da perspectiva comunicativa (cf. Cameron 1999, 2007), para a qual as duas teorias aqui apresentadas podem contribuir com férteis reconhecimentos.

## Referências

BALDAUF, Christa. **Metapher und Kognition**. Grundlagen einer neuen Theorie der Alltagsmetapher. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1997.

BLACK, Max. **Models and Metaphors**. [1962] Ithaca, New York: Cornell University Press, 1993.

BÜHLER, Karl. **Sprachtheorie**: die Darstellungsfunktion der Sprache. Stuttgart: Fischer, 1984.

\_\_\_\_\_. **Ausdruckstheorie**. [1934] Das System an der Geschichte aufgezeigt. Jena: Gustav Fischer, 1933.

\_\_\_\_\_. **Die Gestaltwahrnehmungen**. Experimentelle Untersuchungen zur psychologischen und ästhetischen Analyse der Raum- und Zeitanschauung. Stuttgart: Spemann, 1913.

\_\_\_\_\_. **“Über das Sprachverständnis vom Standpunkt der Normalpsychologie aus”**. Bericht über den III. Kongreß für experimentelle Psychologie in Frankfurt/a.M., 22.-25. April 1908. Leipzig, 1909. p. 94-130.

CAMERON, Lynne. **“Confrontation or complementarity? Metaphor in language use and cognitive metaphor theory”**. *Annual Review of Cognitive Linguistics* 5, p. 107-135, 2007.

\_\_\_\_\_. **“Operationalising metaphor for applied linguistic research.”** In: Cameron, Lynne & Low, Graham (ed.). *Researching and applying metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 3-28.

CASSIRER, Ernst. **Philosophie der symbolischen Formen**. [1923] Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977.

EHRENFELS, Christian von. **“Ueber Gestaltqualitäten”**. *Vierteljahresschrift für wissenschaftliche Philosophie* XIV, 1890. p. 249-292.

ERDMANN, Karl Otto. **Die Bedeutung des Wortes**. [1900] Aufsätze aus dem Grenzgebiet der Sprachpsychologie und Logik. Leipzig: Haessel, 1925.

EVANS, Vyvyan & GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics**. An Introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. **“Rethinking Metaphor”**. In: Gibbs, Raymond W. Jr. (ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 53-66.

\_\_\_\_\_. **The Way We Think**. New York: Basic Books, 2003.

GRADY, Joseph E. **“Primary metaphors as inputs to conceptual integration”**. *Journal of Pragmatics* 37, p. 1595-1614, 2005.

\_\_\_\_\_. **Foundations of meaning: Primary metaphors and primary scenes**. Berkely: Doctoral dissertation – Department of Linguistics, University of California at Berkeley, 1997.

GRADY, Joseph E.; OAKLEY, Todd & SOULSON, Seana. **“Blending and Metaphor”**. In: Steen, Gerard & Gibbs, Raymond W. Jr. (ed.): **Metaphor in cognitive linguistics**. Philadelphia: John Benjamins, 1999. p. 101-124.

HÜLZER-VOGT, Heike. **Karl Bühler (1879-1963) und Wilhelm Stählin (1883-1975): Psychologische Fundamente der Metapherntheorie im ersten Drittel des 20. Jahrhunderts**. Münster: Nodus Publikationen, 1989.

INNIS, Robert E. **“Bühler und Gardiner: Von der Indikation zur Prädikation”**. In Eschbach, Achim (ed.). *Bühler-Studien*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1984.

JÄKEL, Olaf. **Wie Metaphern Wissen schaffen: die kognitive Metapherntheorie und ihre Anwendung in Modell-Analysen der Diskursbereiche Geistestätigkeit, Wirtschaft, Wissenschaft und Religion**. Hamburg: Kovač, 2003.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. **“The contemporary theory of metaphor”**. In: Ortony, Andrew (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 202-251.

LANGACKER, Ronald. **Foundations of Cognitive Grammar, Volume I**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

MOOIJ, Jan. J. A. **A Study of Metaphor**. On the Nature of Metaphorical Expressions, with Special Reference to Their Reference. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1976.

RICHARDS, Ivor Armstrong. **The Philosophy of Rhetoric**. New York: Oxford University Press, 1936.

SCHRÖDER, Ulrike. **“Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e sociocognitiva da metáfora”**. ALFA (ILCSE/UNESP), v. 52, p. 39-56, 2008a.

\_\_\_\_\_. **“Aufbrüche in der kognitiven Metaphernforschung aus kommunikationswissenschaftlicher Sicht”**. In: ESCHBACH, Achim; HALAWA, Mark A. & LOENHOFF, Jens (ed.). *Audiat et altera pars. Kommunikationswissenschaft zwischen Historiographie, Theorie und empirischer Forschung*. Festschrift für H. Walter Schmitz. Aachen: Shaker Verlag, 2008b. p. 147-166.

\_\_\_\_\_. **“Os precursores filosóficos da teoria cognitiva das metáforas”**. Cadernos de Estudos Linguísticos 46/2, p. 243-252, 2004.

SEARLE, John R. **“Metaphor”**. In: Ortony, Andrew (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 83-111.

STÄHLIN, Wilhelm. **“Zur Psychologie und Statistik der Metaphern. Eine methodologische Untersuchung”**. Archiv für die gesamte Psychologie XXXI, Frankfurt, 1913. p. 297-425.

TRIER, Jost. **Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes**. [1931] Von den Anfängen bis zum Beginn des 13. Jahrhunderts. Heidelberg: Winter, 1973.

UNGEHEUER, Gerold. **Sprache und Kommunikation**. [1972] Münster: Nodus Publikationen, 2004.

WEINRICH, Harald. **Sprache in Texten**. Stuttgart: Ernst Klett, 1976.